

RELAÇÕES ENTRE LITERATURA E IDENTIDADE NACIONAL NA POESIA ANGOLANA DO SÉCULO XX: INFLUÊNCIA DO MODERNISMO BRASILEIRO E/OU AINDA ROMANTISMO?

Prof. Dr. Andrea Czarnobay Perrot¹ (UFPel)

Resumo: *este artigo visa a identificar a relação existente entre literatura e afirmação da identidade nacional na poesia angolana do século XX através da influência do Modernismo brasileiro de 1922. Uma vez que o Modernismo procedeu uma espécie de reedição dos preceitos românticos ligados à tradição oral/popular e à afirmação do caráter nacional das literaturas, acreditamos que também haja ecos do Romantismo do século XIX na produção poética angolana do século XX.*

Palavras-chave: Romantismo brasileiro, identidade nacional, poesia angolana, século XX.

1 Introdução

A relação entre produção literária e afirmação da identidade nacional, tal como a concebemos nas diversas disciplinas que compõem o campo da Literatura, surgiu no decurso do Movimento Romântico europeu do século XVIII, época de consolidação dos estados nacionais na Europa. Tal movimento teve desdobramentos no Brasil do século XIX, os quais se refletiram também na literatura brasileira do período¹. Já no século XX, e ainda no Brasil, há uma redefinição das “diretrizes” desse movimento - o Romantismo - no que tange ao caráter nacional da literatura e da arte em geral: irrompe o Modernismo de 1922, que pregava, antes de tudo, o estabelecimento da “brasilidade” de nossa literatura.

De acordo com Manuel Ferreira (*apud* FONSECA, 2003, pg. 73), é reconhecida a importância da literatura brasileira no desenvolvimento da atividade literária que está na base da criação das literaturas de Angola, Moçambique e Cabo Verde. Mais especificamente, conforme Carlos Ervedosa (*apud* ABDALA JUNIOR, 2003, pg. 104), sabe-se que a literatura brasileira esteve na perspectiva dos estudantes angolanos que criaram as bases da emancipação literária e política de seu país², o que nos leva a afirmar, com algum grau de certeza, que podemos empreender o estudo da poesia angolana do século XX tendo como ponto de partida a literatura brasileira produzida durante o Modernismo de 1922.

A aproximação entre a literatura do Brasil e de Angola dá-se, sobretudo, pelo fato de ambos

países possuem, além de identidade lingüística semelhante, afinidades históricas, sociais e culturais forjadas a partir do compartilhamento de um passado colonial sob a égide de uma mesma metrópole, Portugal. Entretanto, o passado colonial de Angola, diferentemente do passado colonial do Brasil, deu-se até meados do século XX, portanto tardiamente, configurando uma relação centro-periferia anacrônica no cenário mundial.

Um dos pontos de partida de nossa análise sobre a poesia angolana do século XX é, justamente, essa defasagem histórico-cronológica vivida por Angola, que permaneceu na condição de colônia quando, mundialmente, o colonialismo – aos moldes do século XIX – já havia sido superado como sistema de dominação de povos periféricos e de expansão territorial. Tal defasagem interfere na relação existente entre a poesia angolana do período citado e o Modernismo brasileiro de 1922, uma vez que determina a originalidade do conteúdo da poesia de Angola, cuja temática gira em torno não só da afirmação da nação e do seu povo, mas da luta, da resistência, da miscigenação da língua do colonizado e do colonizador – a qual gera uma “nova língua”³ –, da recuperação dos valores autóctones da terra-mãe.

Alguns desses temas não foram tão caros à literatura brasileira devido à nossa independência de Portugal ter sido proclamada ainda no início do século XIX, em consonância com a ordem mundial vigente à época, qual seja, a do abrandamento do modelo de exploração colonial e, também, devido à “luta” pela nossa independência não ter tido a participação do homem nativo da terra Brasil, o índio, sendo este apenas cantado como dono da terra, não o tendo sido de fato, desde a chegada do europeu até os dias de hoje. Em Angola, não foi o branco europeu quem proclamou a independência; a luta pela afirmação e pela legitimação de nação foi empreendida, primordialmente, pelo negro, o dono da terra, o indivíduo colonizado, explorado e vilipendiado pelo branco europeu.

Tais diferenças refletem-se na figura do poeta: no Brasil, temos uma elite letrada composta de forma majoritária por brancos, nalguma medida descendentes do colonizador; em Angola, os poetas são, em sua maioria, negros e mestiços, filhos da “Mãe-África”, os quais sofreram na própria carne a exploração e a aculturação empreendidas pelos portugueses. Logo, na medida em que ambas produções literárias têm, como pano de fundo, importante preceito do movimento romântico europeu do século XVIII – a articulação entre produção literária e afirmação da identidade nacional – e ressaltadas as especificidades da poesia angolana referentes a quem são seus autores, quais são seus temas e em que língua ela se expressa, buscaremos, pela análise de poemas de alguns dos poetas mais representativos da poesia angolana do século XX, a(s) resposta(s) à pergunta que

intitula este ensaio: seriam as relações entre literatura e identidade nacional na poesia angolana do século XX uma influência do Modernismo brasileiro de 1922 ou uma manifestação “tardia” do romantismo europeu do século XVIII? Ou ambas as possibilidades não se excluem, mas, ao invés disso, se complementam?

2 Romantismo e identidade nacional: Brasil

Foram os românticos europeus do século XVIII que deram relevo ao conceito de identidade nacional articulado com a literatura:

[...] a origem da relação entre literatura, nacionalidade e identidade nacional floresceu num momento propício a tal associação. O conceito de nação é relativamente recente e remonta ao século XVIII, na Europa. O Romantismo, segunda metade do século XVIII e primeira metade do século XIX, por suas características intrínsecas, acolheu a missão de construir as identidades nacionais das nações emergentes na Europa (...). O Romantismo, baseado na figura humana idealizada e numa ancestralidade mítica, derivava de um passado eqüidistante que lhe fornecia os princípios da ancestralidade. (AMARAL, 2005).

O colonialismo também adveio desse “boom” nacionalista, pois as nações européias viam em outros territórios, que não os seus, a expansão de seus domínios para que constituíssem verdadeiros impérios, visando ao seu estabelecimento como nações poderosas. Nos países colonizados, como Brasil e Angola, todavia, o nacionalismo manifestou-se de maneira diferente.

O Brasil, não possuindo um passado legitimado pela História, tendo em vista seu “descobrimento” ter ocorrido somente no século XVI, teve de forjar sua literatura, seus símbolos e sua língua “nativos”. Era preciso construir essa identidade nacional baseando-se em símbolos e mitos igualmente “construídos”. Optou-se, no caso brasileiro (em consonância com os ditames Romantismo, que *baseado na figura humana idealizada e numa ancestralidade mítica, derivava de um passado eqüidistante que lhe fornecia os princípios da ancestralidade*), pela valorização do índio, elemento “natural” da *terra brasiliis* e caracterizado como herói nacional, bem como pela presença da “cor local”, ou seja, da paisagem brasileira, exótica e tropical, *mítica*, como elementos condensadores da “brasilidade” de nossa literatura.

Portanto, no Brasil do século XIX, a literatura produzida pelos escritores românticos esteve intensamente ligada à construção da identidade nacional através da fundação de mitos e da

produção de imagens e de heróis que permanecem até hoje presentes em nosso imaginário nacional. Podemos citar o caso de autores notadamente românticos e nacionalistas: Gonçalves Dias e José de Alencar, participantes do chamado Indianismo, o qual elegeu e cantou o índio genuinamente brasileiro como nosso herói nacional, embora a construção deste herói tenha seguido os moldes europeus (vide Rousseau e seu *bom sauvage* em comparação com nossos Iracema, Peri e I-Juca Pirama). Foram nossos escritores e intelectuais românticos que deram início ao processo de construção da nação.

Em Angola, tardiamente no século XX, não era preciso “criar” símbolos e mitos, mas resgatá-los ou recriá-los, uma vez que o povo angolano sofreu um processo de destruição de suas raízes culturais africanas por parte da metrópole, além do processo de luta pela sua independência ter sido empreendido por uma burguesia intelectualizada negra, filha da Mãe África, e não, como no Brasil, por uma burguesia branca bem-establishada na colônia.

3 Modernismo de 1922 e identidade nacional: Brasil e Angola

O Modernismo brasileiro, movimento artístico desencadeado pela Semana da Arte Moderna de 1922, em São Paulo, pregava a afirmação de uma “brasilidade” através dos temas e da linguagem, propondo o distanciamento das metrópoles culturais e econômicas pela afirmação do que é característico e indissociável do “aqui” (Brasil).

O Modernismo dividiu-se em diversas “correntes”, das quais nos interessam, sobretudo, o **Movimento Pau-Brasil**, lançado em 1924, com a publicação do *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, que visava à revalorização dos elementos primitivos da nossa cultura, através da crítica ao falso nacionalismo e da valorização de obras que redescobrissem o Brasil, seus costumes, seus habitantes e suas paisagens; e o **Movimento Antropofágico**, o qual radicalizava as idéias do Pau-Brasil, tendo sido lançado em 1928, com a publicação do *Manifesto Antropófago*, de Oswald de Andrade. Esse movimento opunha-se ao conservadorismo do **Movimento Verde-Amarelo**, de caráter ufanista, o qual repudiava tudo que fosse importado e tentava mostrar um Brasil grandioso.

Atentemos para o fato de que tais preceitos modernistas, expostos pelos manifestos Pau-Brasil e Antropófago, reeditam as bases do Romantismo do século anterior, pregando a redescoberta do Brasil através da valorização de seus costumes, de seu povo e de sua paisagem,

valorização esta que nada mais significa do que a busca por imprimir à nossa arte o caráter de verdadeira arte nacional, brasileira. Foi este aspecto do nosso Modernismo que chamou a atenção e inspirou o projeto literário que se buscava implementar em Angola, como fica claro no poema “Exortação”, do poeta angolano Maurício Gomes, o qual transcrevemos a seguir:

*Ribeiro Couto e Manuel Bandeira,
Poetas do Brasil,
do Brasil, nosso irmão,
disseram :*

*" - É preciso criar a poesia brasileira,
de versos quentes, fortes, como o Brasil,
sem macaquear a literatura lusíada".*

*Angola grita pela minha voz,
pedindo a seus filhos nova poesia!*

*Deixemos moldes arcaicos,
e cantemos a nossa terra
e toda a sua beleza*

*Angola, grande promessa do futuro,
forte realidade do presente,
inspira novas idéias,
encerra ricos motivos.
É preciso inventar a poesia de Angola!*

Conforme Fonseca (2003, pg. 81-82), a literatura angolana do período, semelhante à dos modernistas brasileiros, quer transgredir “as normas fixadas pelos modelos literários que não se adequavam ao amadurecimento da identidade nacional, no Brasil, e ao processo de conscientização política em África”. A literatura brasileira, pelos preceitos e pela produção literária dos diversos autores modernistas lidos em África, motivou nos escritores angolanos à rebeldia e incentivou a busca por novas formas literárias, insuflando uma corrente de poetas os quais acreditavam que a luta pela soberania de seu povo deveria forçosamente passar pela literatura e pelo diálogo da escrita com os falares do povo (FONSECA, 2003, pg. 83). Nada mais romântico.

4 Poesia angolana do século XX

A poesia angolana do século XX foi escrita por homens que, além de poetas foram, simultaneamente, fundadores e militantes da causa da libertação. Desde o nativismo e o pan-

africanismo (ações de caráter político-cultural que estimularam a tomada de consciência da raça e das especificidades de África), chegando à Negritude e à Angolanidade, sempre existiu um paralelismo entre a atividade literária e o compromisso político com as lutas pela afirmação da nação e da identidade nacional. De acordo com essa perspectiva e com o que foi visto anteriormente, chegamos ao temas principais da poesia angolana do século XX, quais sejam, o racismo, a exploração do colonizador, alguma evasão (bem ao espírito romântico), a questão da língua miscigenada, a volta ao passado/infância, o primitivismo da cultura popular.

A seguir, serão analisados trechos de poemas angolanos⁴ em que a relação entre Romantismo europeu e brasileiro (séculos XVIII e XIX), Modernismo brasileiro (século XX) e poesia angolana (século XX) revela-se nas mais variadas dimensões.

Em “Mamã negra (canto da esperança)”, Viriato da Cruz exalta a terra-mãe, a África, e a raça, sob a perspectiva do sofrimento e da dor do negro, “Drama de carne e sangue/ Que a Vida escreveu com a pena dos séculos!”. Além disso, o poeta conclama as vozes negras de todo o mundo a, em uníssono, pela voz da África, unirem-se:

*Pela tua voz
Vozes vindas dos canaviais dos arrozais dos cafezais
[dos seringais dos algodoais!...
Vozes das plantações de Virgínia
dos campos das Carolinas
Alabama
Cuba
Brasil...
Vozes dos engenhos dos bangüês das tongas dos eitos
[das pampas das minas!

Vozes de Harlem Hill District South
vozes das sanzalas!
Vozes gemendo blues, subindo do Mississipi, ecoando
[dos vagões!
Vozes chorando na voz de Corrothers:
Lord God, what will have we done
- Vozes de toda América! Vozes de toda África!
Voz de todas as vozes, na voz altiva de Langston
Na bela voz de Guillén... (pg. 55)*

Em “Aspiração”, Agostinho Neto canta a escravidão através do mundo (“Ainda o meu canto dolente/ e a minha tristeza/ no Congo, na Geórgia, no Amazonas”), rememora o tempo primitivo dos “batuques em noites de luar”, alude à tradição popular da música africana espalhada pelo mundo (“Ainda o meu espírito/ ainda o quissange/ a marimba/ a viola/ o saxofone/ ainda os meus

ritmos de ritual orgíaco”) e, finalizando o poema, insufla á luta, à resistência, através do desejo de liberdade transformado em força e alento aos irmãos desesperados:

*E nas sanzalas
nas casas
no subúrbios das cidades
para lá das linhas
nos recantos escuros das casas ricas
onde os negros murmuram: ainda*

*O meu Desejo
transformado em força
inspirando as consciências desesperadas. (pg. 74-75)*

O poema “Monangamba”⁵, de Antonio Jacinto, é um pujante manifesto contra a precária condição do negro em África, a exploração sem limites do branco europeu sobre a terra e sobre o homem. Além disso, através de imagens plenas de significação política e poesia, numa mescla de altíssima qualidade estética, o eu-lírico vai mostrando a verdade da vida em África. Destaque para a integração homem-natureza presente em algumas estrofes. Transcrevemos a seguir o poema quase na sua íntegra, grifando alguns trechos:

*Naquela roça grande não tem chuva
é o suor do meu rosto que rega as plantações;*

*Naquela roça grande tem café maduro
e aquele vermelho-cereja
são gotas do meu sangue feitas seiva.*

*O café vai ser torrado
pisado, torturado,
vai ficar negro, negro da cor do contratado.*

*Negro da cor do contratado!
[...]
Quem se levanta cedo? quem vai à tonga?
Quem traz pela estrada longa
a tipóia ou o cacho de dendém?*

*Quem capina e em paga recebe desdém
fubá podre, peixe podre,
panos ruins, cinquenta angolares
"porrada se refilares"?*

*[...]
Quem faz o branco prosperar,
ter barriga grande - ter dinheiro?
- Quem?*

E as aves que cantam,

*os regatos de alegre serpentear
e o vento forte do sertão
responderão:*

- "*Monangambééé...*"

*Ah! Deixem-me ao menos subir às palmeiras
Deixem-me beber maruvo, maruvo
e esquecer diluído nas minhas bebedeiras*

- "*Monangambéé...*" (pg. 64-66)

Em “Antes”, Costa Andrade utiliza vocábulos da linguagem oral de Angola em meio à língua portuguesa oficial para cantar a desolação da terra e do homem, num amálgama em que não distinguimos mais o negro da África. A menção à guerra é precisa, porém repleta de imagens e de lirismo de impressionante força estética. O vento traz consigo a noção de tristeza, presença constante no cotidiano da África colonizada:

Não sei se era o vento ou a tristeza.

*Havia botas descalças nos caminhos
Armas enferrujadas pelo silêncio
Balas como gritos sufocados
Braços como folhas de palmeira decepadas
Adormecidos **mbulumbumbas** nas tarimbais
Não tinham lágrimas nas teclas os **kissanges**. (pg. 79)*

Alda Lara, em seu “Poema”, traz as imagens da guerra, do ódio, da tristeza gerada pela colonização do povo africano. Destaque para os versos “Dividiram os Homens,/ que se não reconheceram mais...”, em que ao escrever *Homens* com letra maiúscula, a poeta demonstra seu posicionamento frente à questão da exploração e do colonialismo: todos são Homens, a ninguém deveria ser facultado explorar a quem considera, erroneamente, inferior. A inferiorização do negro africano se dá, logo, porque os *Homens não se reconheceram mais*:

*Os gritos perderam-se sem encontrar eco.
Os punhos cerrados e os ódios calados
Dividiram os Homens,
que se não reconheceram mais... (pg. 67)*

Em “Fuga para a Infância”, o poeta Mário Antonio aborda um tema caro ao Romantismo: a evasão pela volta ao passado. Nesse caso, porém, a “fuga para a infância” se dá com o propósito de enaltecer as velhas tradições que os portugueses tentaram apagar da memória africana. Há um jogo entre o eu-lírico menino e o eu-lírico menino crescido; aquele, livre; este, preso (colonizado), como

mostram os versos “O menino ficou preso/ quando cresceu”. Os versos finais do poema traduzem o desejo de liberdade do menino cativo (manifesto gradualmente ao longo do poema): “E foi nessa tarde de domingo/ (cheirava a doce de coco e rebuçado)/ que o menino fugiu para não voltar”. A seguir, o poema na íntegra:

*Nas tardes de domingo
(cheirava a doce de coco e rebuçado)
os meninos brincavam
iam passear ao mar
até o Morro iam
ver a gente.*

***O menino ficou preso
quando cresceu.***
[...]
*Numa tarde de domingo
os outros meninos vieram chamar
o menino preso...*
***E foi nessa tarde de domingo
(cheirava a doce de coco e rebuçado)
que o menino fugiu para não voltar.*** (pg. 45)

“Carta”, de Alexandre Dáskalos, traz o falar do povo numa espécie de prece, em que o eu-lírico comunica-se com Jesus Cristo, simbolizando a aculturação sofrida pelo negro africano, despido de suas crenças religiosas e integrando o Cristianismo ao seu cotidiano. Além disso, a “Carta” é uma espécie de “mapa” da vida do negro escravo, que trabalha para o branco sem ser recompensado devidamente, que produz artefatos para o branco os quais sequer sabe para que servem, que passa fome, frio e sede sem que alguém olhe por ele.

*Jesus Cristo Jesus Cristo
Jesus Cristo, meu irmão
Sou fio dos pais da terra
Tenho corpo p'ra sofrer
Boca para gritar
E comer o que comer
Os meus pés que vão
No chão
Minhas mãos são de trabalho
Em coisas que eu não sei
E não tenho nem apalpo
(...)
E minha cubata ficou
Aberta à chuva e ao vento
Vivo ali tão nu e pobre
Magrinho como o pirão.* (pg. 50-51)

Conclusão

Na análise da poesia angolana produzida no século XX, destaca-se a questão da formação e da afirmação da identidade nacional de Angola como um dos seus motes centrais. Além deste, há outros, também recorrentes, inclusos na questão da identidade nacional, como a resistência, o engajamento político-social, a exploração sofrida pelo povo, a aculturação, o esvaziamento da memória do negro e da terra, o falar do povo miscigenado à língua do colonizador.

Sendo notória a influência que o movimento Modernista de 1922, no Brasil, exerceu sobre a intelectualidade letrada de Angola e de outros países africanos de língua portuguesa, podemos afirmar, após a análise, ainda que breve, dos poemas selecionados, que há tanto a presença do Romantismo do século XIX quanto do Modernismo do século XX na moderna poesia angolana, uma vez que os preceitos românticos do século XIX foram, de certa forma, reeditados pelo Modernismo de 1922, com as devidas adaptações histórico-temporais. Tais presenças verificam-se pelas temáticas recorrentes nos poemas e pela articulação entre política, arte e afirmação da identidade nacional na produção poética de Angola no século XX.

O que fica, para o interessado na literatura africana de língua portuguesa, é o sentimento de identificação desta com nosso passado e com nossa literatura. Tal identificação pode gerar estudos mais aprofundados sobre esta questão, enfocando com maior destaque a questão do colonialismo nos séculos XVIII, XIX e XX e seus desdobramentos político-culturais nas ex-colônias. E, respondendo à pergunta-título deste ensaio: as relações entre literatura e identidade nacional na poesia angolana do século XX se deram sob influência do Modernismo brasileiro, o qual, sabemos, é uma releitura do Romantismo do século XIX. A presença deste Romantismo “tardio” na poesia angolana do século XX, portanto, se dá pela “atualização” de seus preceitos, viabilizada pelo Modernismo brasileiro.

- 1 Aqui falamos, principalmente, da poesia da 1ª geração romântica e dos romances indianistas de José de Alencar.
- 2 “Vamos descobrir Angola” foi um movimento lançado em 1950 por Viriato da Cruz em Luanda, em torno da revista *Mensagem* (1951-1952). Representou a revolta contra a opressão colonial que diminuía o negro e violentava a África. (DÁSKALOS, 2003, pg. 25-26). Segundo Fonseca (2003, pg. 80), este movimento “procurava repetir o que acontecera no Brasil, literariamente falando, em 1922”.
- 3 “A língua portuguesa já ‘aclimatada’ em solo angolano tornar-se-á, então, ‘um terceiro registro’, como denominou Luandino Vieira, distante da norma oficializada, mas também da oralidade das línguas nativas”(FONSECA, 2003, pg. 83).
- 4 Todos os poemas foram retirados de DÁSKALOS, Maria Alexandre *et al.* *Poesia Africana de Língua Portuguesa* (antologia). Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003. Ao longo das análises referiremos apenas o número da(s) página(s).
- 5 Termo que designa trabalhador, carregador.

ⁱ Andrea **CZARNOBAY PERROT, Prof.^a Dr.^a**

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Centro de Letras e Comunicação (CLC)

acperrot@gmail.com

Bibliografia

ABDALA JUNIOR, Benjamin. “As literaturas africanas de língua portuguesa”. In: *História social da literatura portuguesa*. São Paulo: Ática, 1982, pg 185-198.

_____. *De vãos e ilhas: literatura e comunitarismos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003

AMARAL, Ricardo Ferreira do. *Nacionalismo Literário*, 2005. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/N/nacionalismo-literario.htm>

CANDIDO, Antonio. “Literatura e subdesenvolvimento”. In: *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

DÁSKALOS, Maria Alexandre, AIPA, Livia e BARBEITOS, Arlindo (orgs.). *Poesia africana de língua portuguesa* (antologia). Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003.

FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. São Paulo: Ática, 1987.